

## **ENCONTROS NA CASA DA CALÇADA**

### **INVESTIGAÇÃO APLICADA: NOVAS TÉCNICAS NA VINHA E NA ADEGA**

**Provezende, 23 de Outubro de 1999**

#### **1. Investigação vitivinícola aplicada sofre atraso de décadas!**

Traçar o panorama actual sobre a investigação vitivinícola aplicada no Douro, e definir perspectivas quanto ao seu futuro, foram os objectivos centrais do Encontro realizado na Casa da Calçada no dia 23 de Outubro. O debate foi introduzido e moderado pelo Eng. Fernando Alves (ADVID), tendo participado no painel os Prof. Nuno Magalhães (UTAD), Timothy Hogg (ESB) e Francisco Monteiro (ICBAS).

Partiu-se para o debate com a noção de que no Douro, em matéria de vitivinicultura, existe um atraso tecnológico global, sendo notória a baixa produtividade do trabalho e preocupante a perda de competitividade dos vinhos da região. De uma forma geral, como acentuou o moderador: são insuficientes as estruturas de apoio à lavoura; não há articulação entre investigação, formação e extensão; dominam as acções de carácter administrativo e regulador; falta formação profissional, nomeadamente dos operários agrícolas; e é escassa a apetência para a mudança ao nível das organizações. Por outro lado, os vinhos do Porto têm abafado as restantes actividades, a estrutura fundiária é problemática, faltam planos de reestruturação integrada, os vinhedos estão envelhecidos e são grandes as dificuldades para mecanizar e motorizar as operações culturais. Agrava o quadro o facto de não região, em termos simplistas, coexistirem estruturas modernas e agressivas com estruturas relativamente arcaicas, nomeadamente em matéria de tecnologia.

#### **2. Mais qualidade do vinho, menores custos de produção**

De acordo com o Prof. Nuno Magalhães, os principais objectivos da investigação vitícola devem ser a optimização da qualidade do vinho, a diminuição dos custos de produção e a valorização dos produtos, estando estes últimos directamente ligados com o aumento das margens de rentabilidade.

Estes objectivos emergem do diagnóstico global da situação, verificando-se no Douro: dominância das vinhas de encosta; limitações à mecanização integral; falta de soluções de sistematização do terreno; acessos difíceis às parcelas; elevados custos de instalação e

manutenção; ecossistema difícil, com solos pobres, ácidos e sofrendo stress hídrico no Verão; grande leque de castas, facto positivo pela biodiversidade, mas negativo pela dificuldade na gestão de massas vínicas heterogéneas; falta de conhecimento das castas e insuficiente selecção clonal; falta de sector viveirista preparado para responder às exigências; presença de novas pragas e doenças de difícil controlo (cicadelas, traças, escoriose, esca, etc.); imprevisibilidade da qualidade das uvas; estrutura fundiária desequilibrada, com forte pulverização da propriedade; escassez de mão-de-obra, sobretudo na margem norte; baixos salários dos trabalhadores, mas por vezes incompatíveis com a rendibilidade das explorações; e falta de técnicos, nomeadamente nos sectores produtivo e cooperativo, apesar das melhorias significativas.

Neste quadro, foram apontadas as seguintes áreas prioritárias de investigação: (1) estudo dos potenciais qualitativo e produtivo das castas; (2) estudo da condução das vinhas em situação de stress hídrico e térmico (condução, podas, rega, etc.); (3) estudo das operações culturais da vinha de encosta (sistematização do terreno, mecanização e motorização, gestão do trabalho); (4) estudos de patologia (doenças degenerativas do lenho, protecção integrada e despiste de vírus); (5) estudos relativos à previsão de colheitas; e (6) análise dos custos de implantação e exploração das vinhas.

De notar que é vasta a investigação e experimentação em curso, sendo os principais intervenientes a ADVID, a UTAD e o CEVD (DRATM). O **Prof. Fernando Santos** apresentou um estudo realizado sobre a mecanização de operações da vinha, área em que a UTAD tem realizado, desde 1982, um trabalho pioneiro.

### **3. Apostar no trabalho em parceria**

A importância do trabalho de investigação, experimentação e formação em parceria, nomeadamente ligando a universidade com as empresas, foi sublinhada pelo Prof. Timothy Hogg, a partir da experiência da Escola Superior de Biotecnologia do Porto. Tal implica, nomeadamente, negociar as agendas de acção, uma vez que diferentes agentes têm perspectivas diferentes sobre o que é prioritário. Contudo, é ainda reduzido o investimento das empresas na investigação, sendo necessários instrumentos que o estimulem. Por outro lado, é importante fomentar a formação contínua dos técnicos das empresa, não só como estratégia de disseminar saberes, mas principalmente como forma de chegar próximo da indústria, conhecer melhor os problemas e criar uma cultura de ligação e parceria. Só assim se poderá chegar a produtos de formação e investigação apropriados.

#### **4. Articular um programa global de investigação, com ampla participação dos agentes da fileira**

Apesar dos progressos no trabalho em equipa, não existe hoje um programa global de investigação, devidamente financiado e com condições de sustentabilidade, que permita recuperar o atraso do Douro. Este aspecto foi referido pelo Prof. Francisco Monteiro, do ICBAS, que sublinhou nomeadamente que “temos mais técnicos e professores por pipa de vinho, mas falta coordenação a nível nacional”. A este respeito, falou da iniciativa promovida pela Sociedade Portuguesa de Viticultura e Enologia (SPVE), através do inquérito a empresas e associações sobre formação e investigação relativas à vinha e ao fabrico do vinho, a partir do qual se espera a definição de prioridades e o estabelecimento de projectos em colaboração. Mais do que isto, a SPVE pretende liderar um processo anual de planeamento, financiamento, avaliação e difusão de resultados, com verbas que poderão ser geradas a partir de uma pequena “taxa” de um escudo por litro de vinho. Como sublinhou, “a construção de uma imagem de qualidade da investigação terá reflexos nos vinhos e nos respectivos preço”, com claras vantagens para todos os agentes.

#### **4. Vencer as inércias!**

É obvio que o percurso a realizar para ultrapassar os atrasos e dificuldades é difícil, exigindo medidas a vários níveis. Foi claro, a partir das apresentações e do debate, que há que reflectir seriamente e de formada participada sobre as agendas de investigação em matéria de viticultura e enologia, construindo um sistema que, a nível regional, possa garantir a condução de projectos adequados e a disseminação dos seus resultados, nomeadamente envolvendo a larga maioria dos viticultores, tradicionalmente marginalizados. As expectativas são naturalmente enormes quanto ao papel a desempenhar pelas instituições universitárias, pelos serviços oficiais e pelas organizações ligadas à lavoura e/ou ao vinho. Urge vencer as inércias!

**Círculo Cultural Miguel Torga**